

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA¹

Entrevistadora: Camila Vasques da Silva

Entrevistados: Tuta Gama

São Paulo, 25 de junho de 2022

Duração: 39 minutos e 31 segundos

Entrevista realizada presencialmente

Uma conversa com Tuta Gama: movimentos independentes nas cenas de Guaratinguetá

Tuta: Eu sou a Tuta Gama, tenho 35 anos, sou aqui de Guaratinguetá, interior de São Paulo. É... Eu sou tatuadora e posso dizer que eu sou artista, faço umas artes (risos), desenho, pinto desde novinha e toco também. Já toquei em algumas bandas, canto um pouco. E sou produtora cultural também. Eu brinco que eu sou produtora cultural desde os meus 13 anos que foi quando eu fiz meu primeiro evento. É... Eu tinha uma bandinha só de mulheres e aí a gente fez um evento, chamei as bandas tudo e, caixa de um, amplificador do outro, instrumento de um instrumento do outro, fiz um evento e aí desde então acho que eu não parei (risos)! É meio isso. O Capivara Festival ele surgiu de uma necessidade mesmo assim, a juventude aqui não tinha nada, é... Do jeito que ele é, da proposta, não tinha. Não tinha evento, não tinha nada assim. O que tinha era alguma ações isoladas assim... A gente tentava fazer coisas, por exemplo, a gente fazia o encontro cultural, que era... Foi uma iniciativa do Sabiá também, que a gente chamava uma galera, fazia um flyerzinho, botava no Facebook e falava para a galera levar o que tivesse em casa, instrumento, malabares e enfim, ia para uma praça e ficava fazendo essas coisas assim, todo mundo junto. E a gente notou até que Guará não aceitava muito bem, sabe? Porque uma vez a gente se reuniu, a proposta era sempre ir para uma praça, não ficar na mesma praça e aí passaram pela gente de carro e gritavam “vagabundo” “vai trabalhar” e enfim. Então Guará é uma cidade bem problemática assim, muito conservadorismo, a política pública não é muito abrangente eu diria, é muito fechada, muito segmentada e aí a gente... O Capivara surgiu dessa necessidade, a gente se reuniu, na verdade a gente se reuniu para fazer o Grito Rock e aí a gente decidiu fazer um evento nosso, que tivesse nossa cara, nossas ideias. E a gente deu o nome de Capivara por conta das capivaras que vivem ali em torno do rio. E na época elas tavam sumindo e aí a gente achou que seria legal botar esse nome em forma de protesto. E a gente ama capivara, quem não ama né (risos)

Camila: Sim, resistência capivarinha (risos)

¹ O estilo de transcrição escolhido se propôs a corrigir questões gramaticais e fazer outras adequações, sem mudar o sentido da fala.

Tuta: Então o Capivara é isso, é um coletivo, uma juventude que se reuniu, cada um foi dando uma ideia, falando o que poderia fazer e tals. Daí a gente ia chamando uns amigos, a galera a gente conhecia pra apresentar e pra mim o Capivara ele é para dar palco pros artistas daqui da cidade e da região que não tem essa visibilidade ou que até tenha um pouco, mas que acaba tendo que sair da cidade para apresentar. E aí foi lindo cara, porque a gente pode fazer muita coisa acontecer, a galera gostou muito, foi muito bem recebido o Capivara. Ele é um festival gratuito, ele é um festival que é para ser sempre num espaço público, foi feito para ser para todas as pessoas, para todas as raças, todas as enfim. A gente quer todas as idades né? Ele é feito para a juventude, mas ele é para todo mundo, abraça todo mundo. Então, a gente fez três edições dele. Duas edições dele a gente correu atrás, suou a camisa, teve o apoio da Secretaria de Cultura, nas duas primeiras. Na terceira também a gente teve, mas na terceira a gente também conseguiu o PROAC, porque duas amigas maravilhosas nossas que vieram dar esse “start” na gente porque a gente não achava que era possível. A gente não conhecia o PROAC assim, eu mal sabia o que era o PROAC, essas políticas assim.

Camila: Até isso é mal divulgado aqui né, a gente não tem acesso nenhum.

Tuta: É difícil cara! Porque não tem muita formação, não tem é... Por isso que a gente bota oficinas também no Capivara, tem essa preocupação de ter oficinas para ter uma ascensão social né, para poder levar algum conhecimento. Primeiro que a gente fortalece o oficinairo e segundo que né vai fortalecer também as pessoas ali que querem aprender e tals. E ainda assim é um evento que tá caminhando, é um evento que tem que melhorar em muitas coisas, mas eu sou muito feliz com o que aconteceu assim...

Camila: Sim... E são três anos de Capivara também né...

Tuta: Três edições já, cara, três edições... A gente parou só na pandemia né, que tava nessa insegurança, mas aí a gente pegou o PROAC 2021 e deu certo, cara. Infelizmente a gente teve que fazer online também, não pode ser presencial né, isso não teve como, mas foi massa também. Mesmo no online foi lindão, foi... A galera... A gente teve uma boa visualização, sabe?

Camila: Sim, eu acompanhei também! Tipo, uns artistas postaram uns vídeos né? O Rick mesmo colocou. É bem massa... Ah! Eu queria falar dessa questão também... Tem as oficinas, tem as apresentações musicais, teatro, sarau...

Tuta: Teatro dança. Sarau não, tem rodas de conversa...

Camila: Rodas de conversa, tá, entendi.

Tuta: Teve já declamação de poesia... Cara é um evento de muitas linguagens né? Assim, tem muita coisa. Cada ano a gente tentava inserir uma coisa nova assim... E sendo muito fluido, tentando respeitar todas as linguagens mesmo, então a gente queria por tudo. Nesse terceiro teve a mostra de cinema também, então a ideia é sempre ir agregando mais, mais coisas.

Camila: Sim... E eu acho legal isso, que foi o que a gente tinha conversado ontem no fim, que é tipo, pros pequenos produtores, produtores locais, a feirinha né de economia criativa, que é super legal também.

Tuta: Nossa, é bem massa.

Camila: Sim... E não só tipo, eu acho que o interessante também do festival Capivara é que não foca só no cenário musical da cidade, que é uma coisa que normalmente festivais tendem a fazer mais.

Tuta: Sim, é mais música.

Camila: E é legal porque principalmente por ser voltado para o público jovem, a galera tem acesso tipo, não só a parte musical, mas tem também um conhecimento de perceber que sei lá, às vezes se inspira em algum poeta ali que recitou uma poesia, sabe? Se encontra na dança...

Tuta: É que a música geralmente, ela chama mais público né... E a galera às vezes não tem, principalmente a juventude nessa era de tecnologia não tem muita paciência para ver outras coisas né. E é muito legal porque no Capivara a gente viu que nas rodas de conversa a galera participou e ficou ali, sabe? E veio falar depois como isso transformou, como abriu a mente e tals. E por isso que a ideia é de ir mesclando as coisas ali, sabe? Bota um teatro, depois faz uma música, depois uma oficina, para a pessoa passar o dia inteiro ali tendo atividade.

Camila: E sobre, por exemplo, esse panorama de Guará ser muito difícil de ter acesso a cultura, acesso a enfim, até a educação fora da instituição, fora da escola, ou museu, que aqui tem... Um?

Tuta: É cara, cadê museu? Tem museu, tem dois, mas...

Camila: Inativos né...

Tuta: É, um tá reformando, que é o Frei Galvão e é... É engraçado que Guará era a Atenas do Vale na década de 30, se não me engano, era uma cidade que tinha um teatro bonito, né, era bastante frequentado e agora tá bem escasso.

Camila: Tem uma coisa também que vem da pesquisa que eu faço que é pensar isso, nesse processo de formação fora do museu. Então principalmente aqui em Guará eu acho que o Capivara tem essa função formadora também, voltada para a educação fora da escola, essa formação extracurricular, extra institucional. E aí foi o que eu tinha te perguntado, por exemplo, dos retornos. Se a galera, o público jovem mesmo, que foi no primeiro festival foi no segundo, se procura o terceiro. Ou se, enfim, tem uma procura, tem algum interesse também de saber mais do festival, de participar do festival enquanto artista também, sabe? Se isso rolou.

Tuta: Meu, rolou bastante! Muita gente manda mensagem, pergunta quando que vai ter o Capivara de novo, quer apresentar, pergunta “ai, vai sair formulário?”, pergunta “como faz para expor minhas artes?” e tal... É, teve bastante procura. A gente pretendia, a gente pretende né, porque o Capivara vai continuar, a gente pretende lincar mais as escolas com isso, mas assim, é muita burocracia, é muito difícil chegar nas escolas. Porque essa nossa ideia, as coisas de Guará num sentido geral, é... Por mais que você patrocine, sei lá, uma publicação no Instagram, é difícil chegar para muitas pessoas. E às vezes eu sinto também que o jovem, ele fica meio acanhado de chegar nos lugares, sabe? Então às vezes ele tá passando por um lugar, ele vê um movimento artístico ali ele fica acanhado. A linguagem artística, ela é difícil às vezes de chegar pro jovem. Assim, essa linguagem que a gente tá falando agora, de teatro, de uma dança mais independente, um estilo mais assim que não tá na grande mídia, então é difícil um pouco de chegar, mas no tanto de jovem que a gente chegou com certeza transformou eles de alguma forma, ensinou algo. Isso eu tenho certeza, então não só pelo que as pessoas falavam, as histórias que relataram para gente, mas eu acho que muitos jovens, a meta era deles terem acesso a esse tipo de arte e aquilo fazer ele visualizar um caminho, um horizonte, “pô, eu posso fazer arte, olha que bacana”, “tem gente fazendo e olha que lindo e eu quero fazer isso”. Então, eu acho que isso a gente conseguiu, tocar em bastante coração sim.

Camila: E é muito louco porque eu acho que é isso também. A juventude daqui nem pensa em ser artista, nada. Porque a gente não cresce com nenhuma proximidade, nenhuma intimidade com a parte de cultura. Por exemplo, anfiteatro? Não temos.

Tuta: A gente não tem nenhum estímulo, né? Nossa eu falo muito sobre isso, não tem algo que te alavanque ali.

Camila: Exato.

Tuta: A educação é muito quadradona né, e por isso que a gente tem essa vontade de chegar nas escolas. Por isso que a gente faz as rodas de conversa também, para tentar fazer que o jovem tente aprender de uma maneira mais legal, de uma maneira, de uma linguagem que ele entenda também.

Camila: Não tão enrijecido né?

Tuta: Exato. Mas é isso que você falou, é difícil, Guará não tem estímulo e eu falo muito de Guará porque é onde eu vivi a maior parte da minha vida e é o que eu vejo e fazer o Capivara foi meio que para isso, para tentar mudar um pouco esse cenário, porque as coisas aqui, não sei, não tem esse impulso assim, nada, né. E tem tanta gente que produz aqui coisas belíssimas, pessoas geniais, muitas, muitas. E eu fico muito triste deles não terem um espaço que seja deles, não se sentirem confortáveis e não tem nem onde expor, não tem. O legal do festival é que a gente vê como que as pessoas ficam bem de ter esse calor humano, que precisa né.

Camila: E precisa movimentar a cidade né, aqui é tudo muito pacato. Quando você tava falando que vocês se reuniam em praçinhas e tal, eu lembro que tinha muito o Gandhi, que era a praça icônica da nossa adolescência que a gente só chegava lá e tocava, cantava e agora o que rolou lá no Gandhi é quem enfim, o espaço é inabitável, não tem onde sentar, não dá para ficar ali né?

Tuta: Exato! Colocaram, muito covarde, cara, aqueles pedriscos. Então é tudo para boicotar. Tinha um rap também na praça do centro, o Quem tá na quinta, que foi boicotado também. Isso é fato, cara. A gente sabe que foi boicote mesmo. Então parece que querem calar a juventude mesmo, sabe? Não dá espaço.

Camila: Tipo, é importante, é necessário fazer presença de pessoas LGBTQIA+ dentro das cidades do interior sim. Não que essas pessoas, né, a galera LGBTQIA+, vá para São Paulo ou vá para cidades maiores

Tuta: Para se sentir acolhida

Camila: Para existir, enfim, para conseguir existir, realmente. Mas é necessário ter essa presença dentro da própria cidade, por mais que doa, por mais difícil que seja, mas as pessoas têm que existir onde elas vieram também.

Tuta: Com certeza, cara, com certeza. É isso. Assim, porque eu acredito muito que as pessoas tinham que se unir mais, sabe? Ter mais essa união assim, e até nisso eu acho que esse boicote atrapalha, porque acaba que as pessoas vão desanimando, desanimando, murchando, e aí decide “ah, não quero mais saber, vou largar mão, não quero mais fazer arte”.

Camila: Sim, porque desanima mesmo né? Vai te matando por dentro, você não tem estímulo nenhum.

Tuta: E aí você tenta fazer uma coisa e não dá certo, é boicote daqui, boicote de lá, então é isso, queria que a juventude se unisse mais, sabe? Se organizasse. Seria muito bom para Guará, para qualquer cidade do interior.

Camila: Mas eu sinto que isso faz parte da política pública também, principalmente nas cidades menores. Ter a cidade estagnada daquele jeito mesmo, porque não é interessante ter evento cultural aqui.

Tuta: É então, aí o jovem se reúne numa praça e eles mandam a polícia ir lá para tirar todo mundo, “aqui tá virando ambiente de drogas” e tal. E aí o que o jovem vai fazer? Ele não tem lazer, e é isso que você falou, Guará não tem anfiteatro, não tem, sei lá, um espaço cultural, né? Não tem nenhuma formação cultural. Como que uma cidade não tem isso? Como que não tem uma coisa dessa? O esporte aqui também não tem. Mas no meu ramo de arte e cultura é péssimo, não tem nada.

Camila: Sim. Eu acho que até isso também né. Você enquanto a musicista e cantora maravilhosa que você é, de tentar ir mesclando as coisas. Eu percebo que você fez da tatuagem uma opção de se manter artista.

Tuta: E ganhar meu ganha pão, meu jeito de fazer dinheiro. Eu dou graças a Deus da tatuagem ter aparecido no meu caminho porque se não fosse isso eu ia tá bem perdida. Não ia saber o que fazer, porque eu gosto daqui, gosto de morar no interior, não queria ir para cidade grande, para mim não rola. Então a tatuagem veio para me salvar mesmo porque se eu fosse só trabalhar com produção aqui ia ser bem difícil, por vários motivos, mas um deles é essa falta de espaço mesmo.

Camila: Não tem nem campo de atuação aqui. E eu fico até pensando também, não, tipo, de faculdade particular, mas de opções que a gente tem aqui de enfim, pública né. A gente tem o

COTEC, que é voltado para área de exatas, a FEG, a ETEC é a única que tem um técnico de comunicação visual, mas é um.

Tuta: Tem o SENAC, que tem bolsa, mas é particular.

Camila: Tipo, se a gente for pensar numa opção de formação mesmo de educação, quem tá aqui e quer fazer artes ou coisa assim vai ter que ir para fora, para outra cidade mesmo para estudar, né? Público jovem que quiser pensar numa formação superior e não puder sair porque enfim, bolsa, qualquer tipo de auxílio em universidade também é difícil de conseguir, vai pensar em fazer engenharia mesmo, que é o que tem aqui.

Tuta: Ou faz design e às vezes não se acha também, né? É complicado. Não tem formação, primeiro ponto. E segundo ponto é que aí as pessoas vão tentar produzir por conta própria e não tem um lugar para elas.

Camila: Não tem troca né? Não tem como mostrar o trabalho, não tem como ver outro, não tem nem como ela receber uma crítica; crítica pode ser tanto produtiva quanto destrutiva, mas é uma crítica, porque o trabalho depois vai respondendo de acordo com as críticas, o retorno que você tem. Se você não tem onde exibir seu trabalho, sua música, enfim, se expor, que é super importante, não tem retorno e daí você não sabe.

Tuta: E daí você vai murchando também. Aí você tem que arrumar um emprego, você vai arrumar um subemprego e é isso. Não tem.

Camila: Eu ia até te perguntar isso. Quais foram as dificuldades que você encontrou no festival Capivara? Para fazer o festival? Porque tem todos esses embates da política daqui.

Tuta: Cara, no primeiro e no segundo que foi feito muito na raça, a gente queria muito pagar os artistas, levar uma coisa legal e tals pras pessoas, mas a gente quer pagar esse artista. Já tinha feito tanto evento com as pessoas ali, voluntárias e tals. E aí a gente resolveu pedir o apoio da Secretaria (de Cultura). Eles deram o primeiro e não foi muita coisa, no segundo foi um pouquinho melhor, mas foi apoio de palco, som, iluminação, cadeira, mesa e tal, mas dinheiro mesmo para pagar os artistas a gente não tinha. Então fomos tentar pedir patrocínio das empresas daqui, mas dinheiro mesmo a gente não conseguiu. Essa foi uma grande dificuldade, a gente queria pagar as pessoas e não conseguiu. A gente conseguiu patrocínio de material, mas a grana mesmo não. Aí com o PROAC, quando a gente conseguiu o PROAC, meu Deus! Que presente, que beleza, agora sim vamos poder pagar as pessoas. Então essa foi a maior dificuldade de todas porque quando a gente levou o projeto para Secretaria de Cultura eles adoraram “pô, que projeto massa”, ainda mais um

grupo de jovens trabalhando voluntário ali, fazendo o negócio acontecer, eles acharam lindo, adoraram e quanto a isso beleza, agora o difícil mesmo foi não ter grana, não conseguir e pedir ajudar e não ter, tals, a gente ralando ali, suando a camisa, mas isso é uma prova que a gente fez por amor mesmo, por querer fazer, sabe? E acho que foi essa a maior dificuldade.

Camila: Sim. E que no fim se não tem um incentivo.

Tuta: Não tem dinheiro né? Ninguém tinha grana. E aí você pega e vai tentar patrocínio, é difícil porque também tem esse lance do descrédito a juventude “vem um grupo de jovens aqui pedir dinheiro para fazer evento? Que credibilidade eles têm?”. Então acho que quem ajudou a gente foi bem de coração também. As pequenas empresas que ajudaram, uma papelaria, teve uma gráfica de impressão que fez os banners. Então foi massa que eles acreditaram e ajudaram, mas essa acho que foi a maior dificuldade. Levar lá o projetinho e a pessoa, tipo: não.

Camila: Porque a cultura aqui é isso, ela não é levada a sério né? E os planos futuros para o próximo Capivara?

Tuta: Olha, eu gostaria de expandir! (risos) Fazer um negócio grande mesmo. A gente se inscreveu no PROAC deste ano, o festival, mas mesmo se não passar, sai o resultado em agosto, a gente vai fazer que nem a gente fazia, à moda antiga (risos), suando lá, ralando, e aí a gente vai tentar de novo né, patrocínio, ver se a gente consegue porque agora já tem mais respaldo, já tiveram três edições, tem um currículo maior ali do evento, então a gente vai tentar fazer de qualquer jeito! Esse ano eu acredito que não dê tempo, vai ficar para o ano que vem mesmo. Até porque tá ainda meio inseguro esse lance da pandemia, mas se tudo der certo, ano que vem vai ter capivara, vai ser lindo.

Camila: Vai ser uma capivarona (risos)

Tuta: A ideia é fazer uma big capivara (risos)

Camila: Queria que você falasse um pouquinho, enfim, isso se você quiser, claro, como você se sentir à vontade, mas da sua relação com a cidade porque de uns tempos pra cá você tem me contado um pouco mais da sua história, não só pela entrevista, mas por a gente ter se aproximado. E aí que você me falou “poxa, eu saio de Guará e eu volto para Guará, acontece alguma coisa força maior que me faz voltar para cá”.

Tuta: Eu já escutei até profeta falando (risos)! É, Guará é meio uma relação de amor e ódio porque né, nasci aqui, fui criada, nascida e criada na cidade. Amor e ódio porque eu gosto muito de Guará, acho que é uma cidade muito bem localizada, é uma cidade muito gostosa, tem a Serra (da Mantiqueira) ali que eu amo, nossa, tudo para mim. Mas eu sinto que, primeiro, poder público é péssimo, né, a gente não vê de fato uma, não só falando da questão de arte e cultura, mas na questão do esporte, do lazer e tals, não é um poder público que se compromete e faz coisas para a melhoria desses setores, então, isso é um negócio bem complicado. E também, é uma cidade que tá tão perto de São Paulo, perto do Rio, podia ter mais circuito, ter mais coisa passando por aqui e não tem. E volta no que a gente falou, não tem anfiteatro, não tem um espaço cultural, nada pensado. Minha mãe brinca que é uma cidade dormitório e de velhos, para idosos, porque é muito Aeronáutica, comércio e igreja, são os três poderes daqui. Os três grandes poderes, eles que mandam, então se você não dançar aquela dança ali já era, tchau. Então é difícil fazer as coisas aqui e daí acaba que as pessoas pegam um pouco dessa mentalidade. Brasileiro já não tem o costume de consumir arte né e aí tem essa coisa também da arte ficar um pouco fechada nuns nichos, nuns bairros mais ricos ou mais central, um coisa mais blasé assim. Então é uma cidade que me sufoca às vezes, eu fico agoniada porque parece que tudo que você vai fazer é tanto obstáculo que vai deixando, largando mão, sabe? Então é uma cidade bem triste, tipo, nada meio que dá certo, as pessoas, até os artistas vão desanimando num ponto que não tem troca.

Camila: Às vezes se juntam só para lamentar.

Tuta: Se juntam para beber e lamentar. Guaratinguetá é um boteco sem fim (risos). É mesa de boteco. E não é culpa das pessoas, para mim a culpa é do poder público mesmo, sabe? Das instituições, das escolas, é uma coisa quadrada, bem conservadora. Imagina, em Guará 82% das pessoas votaram no Bolsonaro. É uma cidade muito conservadora, muito difícil. Quando eu falei dos encontros culturais e que as pessoas xingavam, manifestações também. A gente foi fazer contra o aumento do preço do ônibus e era a galera xingando a gente na rua, parecia um bando de palhaço, absurdo. É muito desanimador. Aí eu saio de Guará, às vezes vou tomar um respiro em algum outro lugar e volto para cá de novo.

Camila: Tem que tirar férias de Guará um pouquinho! (risos)

Tuta: Exato! (risos) Eu sempre dou uma escapada! (risos) Só que a gente vê também que isso é um problema de todos os lugares também, às vezes você vai para outros cantos, só que em uma cidade maior você tem mais pessoas que se sentem mais livres para serem o que elas são, né, e isso acaba ajudando, você ter uma rede de apoio ali. Agora aqui é difícil, eu acho muito corajoso

quem fica sendo o que se é, sabe? Tentando ser o que se é. É muita coragem, muita. Acho que é isso, assim, relação de amor e ódio.

Camila: E seu tava pensando também, que você vê isso para caramba também porque você tá no Conselho de Cultura né? Então ali já dá para ver a cultura sendo minada, de não ter voz, enfim...

Tuta: É, entrei no Conselho de Cultura, ainda to no começo ali, tentando entender mais ou menos como que funciona, mas a gente vê como que é difícil, vai ser realmente uma batalha para tentar fazer algo, sabe? Eu entrei nesse conselho pensando “o que eu posso fazer?” e tentar também entender como funciona essa parte administrativa da coisa, sabe? Eu falo que eu sou artista mesmo, eu gosto de fazer arte, essa parte burocrática comigo é muito difícil.

Camila: Manda uma planilha...

Tuta: Nossa! Eu passo mal! (risos) Sério, não consigo entender, é muito para minha cabeça. Então para mim tá sendo bem desafiador ter entrado pro Conselho de Cultura, que é muita regra, muita coisa.

Camila: Falando do Conselho, até a cara da galera que é do Conselho, de mais jovens, temos você, o Rodolfo, Douglas...

Tuta: Abraão... Tem poucos, pouquíssimos. É então, Guará é isso.

Camila: O notório saber.

Tuta: O notório saber que é uma coisa da época da ditadura, que é uma coisa assim, que já foi banida dos lugares e continua aqui. É assim, Guará parou no tempo. O que eu não entendi na lei Aldir Blanc daqui de Guará é que a lei Aldir Blanc ela veio para fortalecer os artistas que foram prejudicados pela pandemia né? E aí, eu não sei, eu vi muito projeto ali de pessoas que não tavam tendo problemas para sobreviver na pandemia. E soube de gente que realmente precisava e não passou, então os critérios ficaram meio estranhos na minha cabeça, não entendi muito bem.

Camila: Sim, o jongo mesmo foi um ponto.

Tuta: É o jongo não vi.

Camila: É, o jongo, o mestre Pelé também não conseguiu se inscrever. E a gente vê mais uma vez família de militares ganhando para fazer umas oficinas que não tem sentido nenhum, que a galera não vai acessar para ver, que não vai participar.

Tuta: Então! É uma coisa que não é bem pensada...

Camila: Ela não é bem pensada, mas eu sinto que ela é estratégica para se manter assim. Que é interessante que essas mesmas pessoas que vão fazer as oficinas, que sabem quando é o edital, quando vai ser enfim...

Tuta: Exato. Você chegou num ponto importante que é, as pessoas que se inscreveram foram as pessoas que tiveram acesso a como fazer isso, já conheciam leis de incentivo a cultura, geralmente é gente que estudou em escola particular, que tem um poder aquisitivo maior, né. Eu não sei como que foi as inscrições mas eu acredito que a molecada da perifa não deve ter chegado a isso. E isso é o grande problema, porque é um abismo tão grande nessa cena de cultura que as pessoas não imaginam que isso exista, então simplesmente não chega pras pessoas e acaba pegando quem...

Camila: E vai manter isso né? A tentativa é que se mantenha assim.

Tuta: É o que parece né? Eu fiquei sabendo também que um grupo de rap tentou ir lá e não conseguiram. Pô! Isso é muito triste, cara, ali era o momento de fomentar esse tipo de arte.

Camila: É tipo, quem tem dificuldade de escrita, então não vai conseguir fazer ou vai ter que contratar alguém para fazer.

Tuta: Podia abrir uma exceção para pessoa mandar um vídeo falando sobre o projeto e tá pronto! E essa coisa de ser também online, isso é ruim para muitas pessoas também, a pessoa não sabe mexer, tem que formatar, fazer a parada toda, a galera não sabe. Então tinha que ter formação. Isso vai ser uma das lutas lá no Conselho, sabe, que a gente vai tentar colocar, trazer mais curso, trazer gente de São Paulo para ensinar, sabe? Agora a questão é, isso vai chegar na periferia?

Camila: Então, era nisso que tava pensando agora, porque tipo assim, Guará nessa questão de divulgação tem que ser quase literal carro do ovo, sabe?

Tuta: E ir nas escolas também, porque não vai nas escolas.

Camila: Sim! E por exemplo, ali, que nem o jongo, mestre Pelé, tem lugares que a gente sabe que acontece, então ter que ir até lá falar “olha tem o edital, você quer fazer?”

Tuta: “É assim, assado”, “não é um bicho de sete cabeças também” ou vai ter uma pessoa orientando, bota alguém orientando, lendo o projeto e escrevendo. Pô! Dá pra pagar uma pessoa para fazer isso!

Camila: Eu acho que o principal problema de Guará é a acessibilidade mesmo, o acesso à informação.

Tuta: Uhum, isso é um problema mesmo. A gente vê que a galera Aldir Blanc pouquíssimas pessoas ficaram sabendo, é mais quem tá no meio ali mesmo.

Camila: Às vezes até a galera do nosso role não sabe.

Tuta: E às vezes sabe mas pensa “nossa eu não sei fazer isso”, a pessoa fica até com vergonha, fica acanhada de pegar um projeto para escrever que ela não sabe. Eu não sabia! Se não fosse a Geovana e a Pri entrarem no Capivara com essa proposta a gente não ia inscrever o Capivara no PROAC e ganhou, tá ligado? Porque eles viram que é uma coisa que é bacana, é interessante, é grande e a cidade precisa disso. Então se não fossem elas a gente não teria inscrito. Não entrava na minha cabeça tipo “nossa, é possível, mano”.

Camila: De pensar em formalizar a coisa mesmo, né?

Tuta: Exato. E foi muito massa! Com o PROAC a gente conseguiu organizar as coisas e aí eu vi como é importante uma organização e uma formação mesmo né, como você bem falou. Isso é muito importante.

Camila: Sim, porque se valoriza, no fim deixa a coisa mais, infelizmente, válida. E é muito louco né, por que você, a galera que fez o Capivara, e não só o Capivara, mas né, tava tão acostumada que tá sempre tão habituada em fazer tudo nos corre maluco, contando só com as pessoas dali, que não pensa, não pensa mesmo “nossa dá pra recorrer sim ao PROAC”, sabe?

Tuta: É porque é uma coisa que você não tem noção, você não tem acesso. não sabe como que funciona, não sabe nem que cabe no PROAC. E é tão legal falar sobre isso, foi tão importante o Capivara ter ganhado o PROAC porque a gente foi falando pras pessoas e as pessoas tipo “nossa,

olha, o Capivara ganhou o PROAC” e o que é o PROAC, né? Isso foi bem legal. Muita gente ficou interessada. E aí espero que isso melhore.

Camila: Virão, várias viaradas Capivara Guaratinguetá! (risos)

Tuta: É! (risos) E que aumente, que tenham outros eventos, que surjam outras iniciativas, né?